

FAGULHA



EDIÇÃO N°08

@FAGULHA_JORNAL

29 ABRIL 2025

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

Na filosofia, existem várias áreas do conhecimento, cada uma com um foco específico, e uma delas costuma causar estranhamento entre os mais leigos: a lógica. Essa área da filosofia trata da estrutura do raciocínio e da elaboração de argumentos, buscando identificar aqueles que são válidos e distingui-los dos inválidos - as chamadas falácias. É um campo que gera estranhamento porque tendemos a associá-lo muito mais à matemática do que à filosofia - o que, de certa forma, é compreensível. No entanto, sua origem está na filosofia, tendo como formulador ninguém menos que Aristóteles. Tanto a lógica clássica quanto a lógica matemática são importantes para a filosofia, pois quem não possui bom domínio dessas matérias tende a cair mais facilmente em falácias, erros

**"NÃO CAIR EM
ARMADILHAS
ARGUMENTATIVAS."**



conceituais e na chamada filodoxia. Um bom domínio da lógica permite compreender teses que poderiam parecer complexas, além de ajudar a elaborar melhor as próprias ideias, construindo argumentações mais coerentes e claras. Aqueles que não conhecem a lógica ficam vulneráveis às armadilhas argumentativas presentes no dia-a-dia e dificilmente terão acesso pleno ao pensamento filosófico. Convidamos a todas/as, a estudar essa área negligenciada pelo ensino básico, mas de enorme importância para a vida como um todo. Autores: Guilherme Ferreira, Luís Henrique, Alaércio Bremmer.

FAGULHA



EDIÇÃO N°08

@FAGULHA_JORNAL

29 ABRIL 2025

OLHAR POPULAR

Diante da avalanche de desinformação a que estamos submetidos desde 7 de outubro de 2023, tornou-se comum ouvir que o que ocorre entre Israel e Palestina é um conflito altamente complexo, supostamente milenar, que remonta aos tempos bíblicos. Segundo essa visão, judeus e árabes estariam em disputa pelo mesmo território há dois mil anos, onde hoje se localiza o Estado de Israel. De fato, o conflito é complexo, pois envolve diferentes atores sociais e diversas variáveis políticas, econômicas e ideológicas. No entanto, apelas à ideia de complexidade muitas vezes serve como um mecanismo para fugir do debate histórico, obscurecendo a realidade diante de nossos olhos: trata-se, fundamentalmente, de um processo de ocupação colonial. O sionismo - ideologia que orienta a prática política atual de Israel - é, desde a sua origem no século XIX, um movimento colonialista de povoamento, semelhante às práticas



européias de colonização nas Américas, África e Ásia desde o século XV. Como outros projetos coloniais, o sionismo adota a tradição de considerar as terras ocupadas como “terra de ninguém”. Portanto, o chamado “conflito milenar” entre Israel e Palestina é, na verdade, uma questão histórica localizada no século XIX, com o surgimento da doutrina sionista. Assim, o território palestino está ocupado pelo Estado de Israel, que promove aquele que pode ser considerado o primeiro genocídio amplamente televisionado da história. Autores: Naiara Krachenski, Thiago Stadler, Jean Tavares, Marcos Zmijewski.

FAGULHA



EDIÇÃO N°08

@FAGULHA_JORNAL

29 ABRIL 2025

POLÍTICA EM DEBATE

Foi divulgado, no dia 15 de abril, um vídeo pelo 9º BAEP de São José do Rio Preto, em São Paulo, que mostra policiais militares em frente a uma cruz em chamas, realizando gestos semelhantes aos de uma saudação nazista. O caso tem gerado intenso debate, especialmente sobre se o uso desses símbolos supremacistas - a cruz em chamas, frequentemente associada à Ku Klux Klan, e o braço erguido - foi proposital. Situações como essa nos levam a questionar a relação entre a violência policial e a ideologia de extrema-direita, sobretudo porque o número de mortes, especialmente de pessoas negras e periféricas, vem aumentando desde o início do governo Tarcísio. Essa “cerimônia” realizada pela PM apenas reforça como a violência é estruturada pelo preconceito. A Polícia Militar torna explícita sua função como órgão de violência: a subjugação de grupos

específicos, geralmente oriundos da periferia social. Segundo dados da Agência Brasil, a letalidade policial contra pessoas negras cresceu 157%, com um aumento expressivo da violência letal contra crianças e adolescentes. Seria, então, possível relacionar o aumento significativo e a forma cada vez mais explícita com que o discurso racista vem sendo disseminado a esse crescimento alarmante da violência contra homens e mulheres negras? E, se somarmos isso a uma política neoliberal de desmonte das estruturas de educação e proteção social, não estaríamos diante de uma política genocida? Autores: Carlos Rafael Schneider, Bruno Soares, Brenda Zahra.



FAGULHA



EDIÇÃO N°08

@FAGULHA_JORNAL

29 ABRIL 2025

VOCÊ CONHECE?

Maria da Penha Maia Fernandes, farmacêutica cearense vítima de uma tentativa de homicídio em 1983, dá nome à importante Lei nº 11.340/2006, que visa proteger indivíduos, independentemente do gênero, contra a violência doméstica e familiar. Diante dos recentes acontecimentos — como o processo movido pela Advocacia-Geral da União (AGU) contra uma empresa antidemocrática que divulgou desinformações e deu voz ao agressor de Maria — torna-se ainda mais urgente relembrar a luta pelos direitos das mulheres e dos oprimidos. Em 2001, a Corte Interamericana de Direitos Humanos responsabilizou o Estado brasileiro por sua omissão diante das violências sofridas por Maria da Penha, num processo que levou mais de 20 anos até resultar na criação da referida Lei. Sua trajetória, marcada pela resistência e pelo



ativismo internacional, sensibilizou e mobilizou a sociedade ao escancarar a estrutura patriarcal, machista e misógina que sustenta e perpetua essas violências, muitas vezes silenciando as vítimas. Em tempos marcados pela desinformação, salientamos que a violência, em suas múltiplas formas, produz danos severos e, por vezes, irreversíveis - como no caso de Maria da Penha, que ficou paraplégica. Por isso, é necessário resgatar histórias como a dela para refletirmos e agirmos a partir de políticas públicas comprometidas, de fato, com a construção de uma sociedade democrática e socialmente justa. Autor/as: Leonardo Bergamo, Flavia Janaina Abuda, Maria Lopes.

FAGULHA



EDIÇÃO N°08

@FAGULHA_JORNAL

29 ABRIL 2025

LABIRINTO

$$\text{Descartes} + \text{Descartes} = 10$$

$$\text{Kant} + \text{Descartes} = 8$$

$$\text{Hume} + \text{Kant} - \text{Descartes} = 8$$

$$\text{Nietzsche} - \text{Marx} + \text{Hume} = 10$$

$$\text{Hume} - \text{Marx} + \text{Descartes} = \square$$



TEM MAIS DE
UMA SOLUÇÃO!!

AUTOR:
CAIQUE AUGUSTO

FAGULHA



EDIÇÃO N°08

@FAGULHA_JORNAL

29 ABRIL 2025

ARRUAÇA

“BENÇA”, de Djonga:

*Pedir a bênção é mais do que um gesto: é reconhecer de onde viemos, honrar os passos de quem veio antes, afirmar que a sabedoria é herança. Na música Bença, Djonga caminha entre dores, memórias e resistências. Ele estende a mão aos mais velhos, aos ancestrais, sabendo que viver neste mundo exige força, mas também exige raiz. A fé, enraizada em tantas tradições - nos terreiros, nas igrejas, nas ruas -, sempre foi alimento para quem precisou lutar pela vida e pela liberdade. Ao pedir a bênção, Djonga desperta essa força invisível que nos protege, nos conecta e nos lembra quem somos. Filosoficamente, isso nos lembra que a filosofia também é memória viva - não apenas informações frias dos livros, mas a memória que pulsa no corpo, na cor, na rua, no som. Ao dizer “bença, vó”, Djonga fala à avó e a todos os que resistiram com pouco; aos silenciados que deixaram ecos. Cada passo torna-se herança e responsabilidade, carrega nomes, dores, vozes. Pedir a bênção é um ato de humildade e de poder. É dizer: “Não caminho sozinho. Carrego as mãos que me levantaram, as histórias que me moldaram e a história que me sustenta”.
Autoras: Rafaela Rodrigues e Islene.*



Djonga

FAGULHA



EDIÇÃO N°08

@FAGULHA_JORNAL

29 ABRIL 2025

FILOSOFINHAS/OS

Há muito tempo, um homem chamado Giges trabalhava no campo, quando, de repente, um ponto de luz na terra chamou sua atenção. Era um anel de ouro! Que sorte a dele, que não perdeu tempo e logo o colocou no dedo. Entretanto, ao correr para mostrá-lo aos companheiros, foi completamente ignorado: seus amigos nem percebiam sua presença, como se ele nem estivesse ali. Como se estivesse invisível! Seria possível? Correndo pelo reino, ninguém lhe dirigia o olhar, ninguém o notava quando passava, nem mesmo quando acenava bem diante dos olhos das pessoas. Estava, de fato, invisível! Poderia fazer o que quisesse, sem julgamentos ou punições. Não demorou para se dirigir ao castelo e, com poucos segundos de raciocínio, decidir matar o rei e tomar a mão da rainha. Afinal, ninguém saberia que fora ele, certo? Com o anel, poderia fazer tudo o que quisesse, pois a justiça estava cega para



ele. A história contada acima foi escrita por Platão, importante filósofo da Antiguidade que, em sua obra A República, preocupou-se com o tema da justiça. Seu objetivo era nos levar a pensar sobre essa questão fundamental da filosofia: será que somos verdadeiramente justos? Ou apenas agimos com justiça porque estamos sendo observados? O que faríamos com o poder do anel de Giges, se o tivéssemos? Usaríamos esse poder para realizar ações boas e justas ou más e egoístas? Usaríamos em benefício próprio ou para o bem de todos? Afinal, somos justos ou apenas fingimos ser? Autoras: Cris, Helô, Dani.

FAGULHA



EDIÇÃO N°08

@FAGULHA_JORNAL

29 ABRIL 2025

FILOSOFIA ILUSTRADA



AUTOR: LEVI.